

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br

## ACONTECE

# LIVRO CELEBRA 50 ANOS DE *DURAZNO SANGRANDO* E A PONTE CULTURAL ENTRE BRASIL E ARGENTINA

Joana Luna Camargo  
joanac@jcrs.com.br

Em 1975, às vésperas do golpe militar que tomara a Argentina em março do ano seguinte, o músico argentino Luis Alberto Spinetta lançou *Durazno Sangrando* (em espanhol, “pêssego sangrando”) à frente do trio Invisible, segundo disco de estúdio da banda.

Cinquenta anos depois, o disco ganha um livro organizado pelo psicanalista e ex-jornalista Robson Pereira e pelo jornalista e pesquisador musical Fernando Rosa, que reúne textos em português e espanhol de músicos, jornalistas e psicanalistas de diferentes gerações.

O lançamento acontece neste sábado, às 18h, na Rádio Agulha (av. Cristóvão Colombo, 545), com a presença dos autores Fernando Rosa, Lucia Pereira, Lucila Soares, Pedro Longes, Rafael Guimaraens e Robson Pereira. O livro, que custa R\$ 50,00, já está disponível na Livraria Bamboletas (av. Venâncio Aires, 113) e na Toca do Disco (rua Garibaldi, 1.043).

A conexão de Robson com a música produzida mais ao Sul vem de longa data, desde os tempos de faculdade, quando dividiu uma república com três argentinos que haviam deixado o país, nos anos 1970, por causa do clima político sufocante. “Não porque fossem militantes, mas simplesmente porque o ambiente se tornou insuportável para quem era jovem, universitário, músico ou fazia algum tipo de atividade artística. No Brasil, ao contrário, era o começo de uma abertura do ponto de vista cultural e político”, lembra.

Os discos que os colegas trouxeram na bagagem foram a porta de entrada para uma troca intensa. Mais tarde, um de seus mestres de psicanálise, também exilado, reforçou essa ligação, quando trouxe influências da música popular argentina. Naquele contexto, a música folclórica argentina, como Mercedes Sosa, Horacio Guarany, funcionava como manifestação de resistência e clamor por democracia, num contraste di-

reto com o conservadorismo que o tradicionalismo assumiria em períodos posteriores. “Era um grito de liberdade, de gritar pela democracia”, resume Robson.

Nesse universo, nasceu a ideia de fazer o livro, reunindo pessoas que compartilhassem o apreço pela música do Spinetta e pelo trânsito entre o português e o espanhol. *Durazno Sangrando 50 anos: Memórias, Músicas, História* é construído com uma estrutura que reflete essa proposta de diálogo: a orelha e a apresentação foram traduzidas para ambos os idiomas, enquanto os demais textos foram mantidos em suas línguas originais – uma espécie de convite provocativo para que o leitor se arrisque na leitura do outro idioma. Além disso, os autores tiveram liberdade total para escolher o formato de suas contribuições, resultando em ensaios, memórias, ficções, análises de canções específicas ou do disco como um todo. “A ideia é que os textos fossem curtos, diretos e intensos, como canções de quatro ou cinco minutos compostas na garagem”, explica o organizador.

O trio, composto por Spinetta (guitarra e voz), Pomo Lorenzo (bateria) e Machi Rufino (baixo), concebeu a obra conceitual *Durazno Sangrando*, de apenas cinco faixas, inspirada em noções que Spinetta tomou emprestadas da obra do filósofo e psicólogo suíço Carl Jung, baseada no livro tradicional chinês *O Segredo da Flor de Ouro*. Gravado nos estúdios da CBS, o álbum tornou-se um marco de memória musical e política para uma geração de jovens e estudantes universitários que viviam em meio a uma atmosfera de extrema convulsão e repres-



Também conhecido como El Flaco, Luis Alberto Spinetta é ícone do rock argentino

LIVRO DURAZNO SANGRANDO/DIVULGAÇÃO/JC